



documento

Die Cayuás, mit sechs Abbildungen

Os Cayuá¹, com seis Ilustrações²

Tradução de Graciela Chamorro*
Hannah Lena Roth**

KOENIGSWALD, Gustav von. Die Cayuás, mit sechs Abbildungen. *Globus*: illustrierte Zeitschrift für Länder - und Völkerkunder, vereinigt mit den Zeitschriften "Das Ausland" und "Aus Allen Weltteilen". Begründet 1862 von Karl Andree. Herausgegeben von H. Singer. 39er Band. 1908, S. 376-381.

KOENIGSWALD, Gustav von. Os Cayuá, com seis ilustrações. *Globus*: Revista ilustrada sobre Geografia e Etnologia, unida com as revistas "O Exterior" e "De todas as partes do mundo". Fundada em 1862 por Karl Andree. Editada por H. Singer. 39^o. Tomo. 1908, p. 376-381.

A civilização e conversão dos indígenas subjugados, iniciadas pelos conquistadores espanhóis e continuadas pelos jesuítas, resultaram na construção de grandes reduções³, que foram temporariamente ocupadas por várias centenas de milhares de Guarani.

O jesuíta Dobrizhoffer, que foi missionário no Paraguai por 18 anos, menciona⁴ que, por ocasião da sua expulsão, no

¹ Agradecemos ao Prof. Mark Münzel, da Philipps Universität Marburg, Alemanha, pelo apoio na pesquisa sobre o autor do documento aqui apresentado e sobre suas obras. Agradecemos também ao Pastor Arteno Spellmeier, do Conselho de Missão entre Indígenas (COMIN) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, pela revisão da tradução do alemão, bem como a Nádia Heusi pelo auxílio na revisão do português (NT).

² O Sr. Franz Heiler, em Hannover, teve a bondade de colocar à minha disposição, além de interessantes apontamentos, as fotos que ele tirara em 1872 no baixo Tibagi e que aqui são apresentadas como Figuras 1 e 2. Por isso registro meus sinceros agradecimentos a ele.

³ Reduções, nesta frase, diz respeito só ao trabalho dos jesuítas (NT).

⁴ Martin Dobrizhoffer. *Geschichte der Abiponer*, v. 3, p. 504-506. Viena, 1783/84.

* Pesquisa os povos kaiowa e guarani no Brasil desde 1983. Atua nas áreas de Linguística Histórica, Religiões Indígenas e Missões Religiosas. Tem doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, 1996, Pós-Doutorado em Romanística pela Universidade de Münster, Alemanha, e Doutorado em Antropologia pela Universidade de Marburgo, Alemanha, 2008. É professora de História Indígena na Universidade Federal da Grande Dourados desde 2006. Email: chamorro_graciela@hotmail.com.

** É estudante de Etnologia na Universidade de Leipzig, interessada na história e cultura kaiowa. No início de 2012 esteve em Dourados, MS, realizando um estágio, temporada durante a qual colaborou na tradução deste documento. Email: hannahlenaroth@hotmail.de

ano 1768, os jesuítas deixaram para trás 32 reduções com aproximadamente 100.000 Guarani cristianizados e que a sua ordem [a Sociedade de Jesus] batizou, enquanto esteve em atividade (de 1610 a 1768), ao todo 702.068 Guarani, entre os quais não estão incluídos os que viviam nas 22 reduções destruídas no decorrer dos séculos 17 e 18 pelos bandeirantes paulistas, com mais de 300.000 convertidos, dos quais a maior parte foi raptada e levada cativa para São Paulo e Rio de Janeiro.

Com a expulsão dos jesuítas, caiu o duro regime que os missionários impuseram aos seus súditos indígenas, mas, ao mesmo tempo, caiu também a proteção contra a cobiça dos brancos, que até então não eram tolerados nas reduções.

Por ocasião das expedições militares, em decorrência das muitas guerras e revoluções, os pobres índios eram tirados, aos milhares, dos seus lugares de origem pelas autoridades espanholas e obrigados a prestar serviço militar. A consequência dessas guerras e dos distúrbios delas decorrentes foi um gradual despovoamento das missões, que em parte foram destruídas e em parte ruíram. Por outro lado, com a imigração de gente branca e sua miscigenação com indígenas, surgiu essa raça mestiça, que ainda é bem representada na atual população do baixo e médio Rio da Prata.

Aqui [nas reduções] extinguiram-se povos inteiros, dos quais nós conhecemos pouco mais do que o nome⁵. De diversas tribos existem ainda, ocasionalmente, um pequeno resto de sangue relativamente puro; contudo essas pessoas – através do contato com os brancos e da mudança de suas condições de vida, de seus usos e costumes – distanciaram-se tanto da língua dos seus antepassados que não nos permitem tirar conclusões sobre as circunstâncias etnográficas dos povos primitivos, ancestrais dos povos atuais. Somente nas regiões interioranas, de difícil acesso, encontramos tribos que sempre se mantiveram isoladas dos brancos e permaneceram no seu estado original ou de semicivilizadas, e que mantêm seus costumes antigos. Estes selvagens não gostam da civilização e do cristianismo, que só lhes trazem trabalho e incômodo. Os indígenas fazem tudo para manter a sua independência.

A atitude hostil e a desconfiança desses grupos indígenas em relação a tudo que é estranho dificultaram muito uma pesquisa detalhada

⁵ Nos estudos jesuíticos na América Platina, hoje, explora-se também o fato da extinção étnica através do processo de guaranização levado a cabo pelos jesuítas. Estes, a partir de guarani falantes convertidos, criaram uma espécie de paradigma de indígena cristão, o guarani missionário, que ao integrar outros grupos étnicos – guarani ou não – acabou dissolvendo essas identidades (cf. Silva, 2011) (NT).

sobre seus costumes, de tal maneira que há grandes lacunas em nossos conhecimentos a respeito deles. Isso é válido até para tribos importantes, conhecidas há muitos séculos e que vivem na fronteira cultural, como os Cayuá, que desde sempre foram moradores do norte do Paraguai e da região contígua do sul do Mato Grosso.

Nas montanhas cheias de florestas – particularmente nas Serras de Caaguasu, Mbaracayú e Amambaí, e nas margens dos Rios Monday e Acaray – os ariscos selvagens tinham morada segura dos ataques de seus inimigos, até que o avanço dos brancos e o caos da guerra⁶, no começo do século passado, também os inquietaram. Eles se retiraram então, parcialmente, em direção a leste, estabelecendo-se no baixo Rio Paranapanema. Devem ter sido bastante numerosos, porque estenderam suas expedições (de caça, coleta e pesca), ou incursões, ao norte, para além do Rio Peixe (estado de São Paulo) e, ao sul, até muito além da região do Rio Ivahy, onde foram recentemente barrados por seus inimigos mortais, os Coroados.

Repetidas vezes, os jesuítas e depois, também, o Paraguai e o Brasil, fizeram tentativas de civilizar os Cayuá, todavia com pouco sucesso. Em 1855, o governo do Paraná fundou – sobre as ruínas da redução jesuítica de Loreto do Pirapó (na desembocadura do Rio Pirapó no Rio Paranapanema), destruída pelos paulistas (entre 1632 e 1635) – um aldeamento para os Cayuá e outros Guarani com eles aparentados. Por causa das condições de saúde desfavoráveis, esse aldeamento foi mudado, em novembro de 1862, rio acima, para Santo Ignácio, e existe até hoje.

Mediante grandes benefícios, conseguiu-se fixar diversas famílias cayuá neste lugar, mas a expectativa de conduzir a tribo à civilização por esse meio foi apenas parcialmente concretizada. Os Cayuá valorizam demais sua liberdade e sentem cada intromissão dos brancos como um ataque aos seus direitos e à sua autonomia. A religião imposta a eles pelos missionários, com os inúmeros ritos e exercícios religiosos, a prescrição do casamento monogâmico e a exigência de usar roupas, a multiplicação do trabalho e outras formas de tutela opõem-se totalmente ao caráter desses nativos independentes, profundamente ligados à natureza. Por esse motivo, não é de admirar que o número de indígenas aldeados tenha diminuído sempre e que muitos deles, mesmo os nascidos lá, retornavam à selva.

⁶ Se o autor se refere à guerra da Tríplice Aliança, esta aconteceu de 1864 a 1870 (NT).

Os Cayuá⁷ – “Gente da floresta” – são, como o seu nome indica, indígenas da mata que levam uma vida retirada, em pântanos e montes de difícil acesso, cercados e ameaçados de todos os lados por tribos vizinhas guerreiras, como os Guaicuru (Mbaja), Apiaca, Chavante e Coroado. Por viver nos montes, eles são chamados no Paraguai também de Monteses ou Montaraces (índios dos montes); por causa da sua grande habilidade em remar, são chamados pelos brasileiros de Canoeiro e, na língua geral, de *Ubayhas*⁸.

A língua⁹ dos Cayuá é um dialeto do Guaraní antigo que não foi influenciado pelas transformações linguísticas e pelas novas formas de criação de palavras do Abanheenga (língua geral), introduzida pelos jesuítas. Até hoje encontramos nesta tribo os sons nasais e guturais, com as duplas e múltiplas ligações de consoantes que são difíceis de pronunciar e também de reproduzir em palavras escritas. Os sons f, l, v e z faltam completamente, o h é sempre pronunciado apenas levemente aspirado e incluído em todas as composições possíveis (gh, nh, ch, tch, ph).

Os selvagens contam somente até seis (um, *pten*; dois, *mocõe*; três, *bohapyhy*; quatro, *irondê*; cinco, *tinerõe*; seis, *teuhõa*)¹⁰. O que está acima disso é simplesmente chamado de *etâ* (muito). Quando querem ser muito corretos, eles repetem as pequenas cifras uma ou mais vezes para somá-las depois, mas nunca passam de 10 ou 15.

Os Guaraní calculam o tempo, quando se trata de pequenos períodos, em luas (de lua cheia a lua cheia), como a propósito também o fazem muitas

⁷ Cayua de *Caa* = mato e *Awa* = Homem. Encontramos na literatura em todas as grafias possíveis como Cayua, Caygua, Caaygua, Cayagua, Cagoa, Cayoa, Caygoa, Cayowa, Caingua, Caa-owa, Cahahyba, Cahuahiva, Cabaiva e Ubayha. Poucos viajantes entraram em contato próximo com os ariscos Cayuas; o único que escreveu sobre eles mais extensamente é J. R. Rengger (*Reise Nach Paraguay*, 1818 bis 1826, p. 101-134, Asrau 1835), que durante oito anos viveu no Paraguai como médico e naturalista e cuja descrição – como pude verificar na tribo que veio parar no Paraná – ainda hoje corresponde à realidade.

⁸ Como neste caso, nem sempre conseguimos reconhecer os termos da língua indígena grafados pelo autor (NT).

⁹ Von Martius listou no seu *Wörterammlung brasilianischer Sprachen* (p. 13 e 14, Leipzig, 1867) um vocabulário de 102 palavras, que F. de Castelnau (*Expéditions dans les Parties Centrales de l’Amérique Du Sud*, 1843-1847, v. 5, p. 282, Paris, 1850) registrou de uma índia cayuá mantida como escrava pelos Guaikuru, através do qual fica evidente a grande semelhança da língua kaiowa com outros dialetos guarani. Theodoro Sampaio pode registrar, em sua pesquisa no Rio Paranapanema, uma lista muito mais rica de palavras, a melhor até hoje existente. Ele a publicou no Boletim n. 4 da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo, p. 49-66, São Paulo, 1890.

¹⁰ Estes termos se encontram entre os Kaiowa contemporâneos do Mato Grosso do Sul. Conforme a pronúncia atual, eles são grafados assim: um, *peteĩ*; dois, *mokõi*; três, *mbohapy*; quatro, *irundy*; cinco, *itiĩirũi*; seis, *teiova* (NT).

outras tribos. Os anos, ao contrário, eles determinam pelo florescimento da Algaroba (ou algarroba, ou alfarroba), aquela árvore que produz as vagens, por eles muito apreciadas, que são usadas na produção da sua bebida embriagadora. As horas do dia eles interpretam pela altura do sol, as horas noturnas, pela posição da lua.

Os Cayuá formam um forte e saudável grupo humano (Fig. 1), de estatura mediana, bem crescidos e belos, e se distinguem vantajosamente de outros grupos indígenas pela sua pele clara, marrom amarelada.



Figura 1 - Cayuá

O rosto arredondado mostra traços simétricos, olhos pretos diretamente voltados para frente, nariz bem formado, reto ou com leve curva, e uma boca bastante larga com dentes bonitos. Os lábios inferiores dos homens são enfeitados com o *tembeta*, que muitas vezes mede mais que 20 cm (Fig. 6).

Os cabelos lisos – pretos como carvão, medindo de 10 a 20 cm de comprimento, sendo ainda mais longo no caso das mulheres – cobrem a testa até as sobrancelhas, ocultam as orelhas, caem sobre os ombros e são

tão densos que qualquer véu seria supérfluo. A calvície é desconhecida entre esses selvagens e, mesmo na velhice, raramente algumas pessoas têm cabelos brancos. A depilação dos poucos cabelos que eles têm no rosto e no corpo é uma regra de beleza bastante praticada.

Os integrantes selvagens da tribo vivem totalmente nus. Só as mulheres costumam vestir um curto avental de algodão ou de tecido de urtiga (*tambeó*). O corpo exposto, desde a infância, a todo tipo de intempéries é extraordinariamente robusto, resistente e raramente acometido por doenças.

Os Cayuá são pacíficos e evitam, sem serem covardes, qualquer contato com as tribos vizinhas inimigas e com a população branca, pela qual foram maltratados com suficiente frequência. Em silêncio, eles percorrem a mata à procura de caça, mel e frutas e se comunicam imitando os sons dos animais, o que eles fazem muito bem. Mesmo que, por motivos de segurança, não façam caminhos e trilhas, orientam-se facilmente em todas as partes com a ajuda de marcos discretos. A vista e a audição são extraordinariamente desenvolvidas entre este povo caçador e, em todos os exercícios corporais, eles conseguem um bom desempenho. Correm, pulam e trepam com muita agilidade e, como nadadores, são quase invencíveis. Ao lado da mata, a água também exerce uma forte atração sobre eles; pescam muito e fazem longas viagens em suas curtas e resistentes canoas. Como remadores e pilotos, os Cayuá são muito desejados, porque eles dirigem barcos e canoas com admirável agilidade por entre as mais perigosas águas e correntezas.

A alimentação desses indígenas da floresta consiste, sobretudo, de animais selvagens e peixes, que eles conseguem em grande quantidade através da caça e da pesca. Eles não são de modo algum exigentes e comem também cobras, crocodilos, lagartixas, tartarugas, larvas de besouro e quase todo ser vivo que lhes cai nas mãos. Além disso, coletam mel silvestre e frutas, e completam sua alimentação com milho, abóbora, batata doce e mandioca, que eles cultivam em pequenas plantações. Para eles, especialmente o milho, *abati*, é insubstituível como alimento em si mesmo e como matéria prima para o preparo de bebidas fermentadas, *ahiva*¹¹. As plantações de milho que ficam nas proximidades dos Cayuá nunca estão seguras contra seus saques, e esta é também a razão principal de os moradores brancos não gostarem desses ladrões de roças.

¹¹ Dada a clara diferenciação entre os sons de **v** e **b (mb)** nas línguas guarani, hoje o termo correspondente a milho é grafado com **v**, *avati*. O mesmo se observa também em *tába*, povoado, hoje grafado *tava*. O termo *ahiva* não conseguimos identificar entre os Kaiowa contemporâneos, que denominam *kaguã* a bebida feita de milho (NT).

Com exceção de frutas e mel, os selvagens saboreiam somente comidas cozidas e grelhadas. O uso de sal é para eles desconhecido.

As refeições não acontecem em horários predeterminados. Enquanto têm grandes provisões, eles comem muito e a toda hora do dia; quando o resultado da caça foi ruim, eles se contentam também com poucas frutas, ou ficam sem comer com a mesma indiferença. Não conhecem preocupações e sempre estão de bom humor; o que um dia não traz, será recuperado no outro. Quando uma anta ou outra presa qualquer é abatida, o feliz caçador convida seus companheiros da tribo para ajudá-lo a consumir o excedente numa alegre festa.

Nessas situações, divertem-se os homens com canções e danças, que são acompanhadas com batidas de maracás, enquanto as mulheres são meras observadoras e zeladoras para que as visitas se sintam bem. Elas trazem suculentos pedaços de carne ou enchem as taças de cabaça, constantemente vazias, com *ahiva* (bebida feita de milho) adoçada com mel ou com *chicha* (bebida feita da vagem da algarroba ou de cana de açúcar), que os homens gostam bastante. Esta bebida é traiçoeira e, rapidamente, põe fora dos eixos esses indígenas que, em geral, são sérios e quietos. Nessa exuberante alegria, o frágil enfeite labial pode se quebrar ou se perder, razão pela qual as mulheres tiram-nos, por precaução, do lábio dos seus homens e guardam com cuidado numa vasilha de taquara.

Essas festas duram muitas horas. Alguns foliões têm que ir logo para casa, mas os que conseguem ficar em pé continuam bebendo até que tudo tenha sido consumido. Antes de procurar suas casas, eles vão ao riacho mais próximo para banhar-se e esfriar o corpo esquentado.

Os Cayuá nunca alcançaram o nível de uma alta cultura e, entre os povos Guarani, eles ocupam uma das últimas posições. A modéstia e a facilidade com que conseguem prover sua subsistência nunca os estimularam a aumentar suas atividades nem a melhorar sua situação. Como povo caçador nômade, eles não conhecem moradia fixa e limitam seus utensílios ao extremamente necessário. Assim eles mantêm maior mobilidade, podem mudar as áreas de caça à vontade e também conseguem fugir mais facilmente dos seus inimigos.

Simplees choupanas (*ohy*)¹² servem como moradia aos selvagens, as quais, na planta, apresentam um quadrado alongado com uma largura de seis a oito metros e um comprimento, via de regra, em torno de oito a quinze metros, dependendo da quantidade de moradores (Fig. 2).

¹² Supondo que o *h* seja aqui mudo, o termo *ohy* corresponderia a *óg*, também grafado *óy*, casa. É o mesmo caso de *cohy*, roça, que hoje é grafado *kog* ou *kóy* (NT).



Figura 2 - Choças cayuá

A estrutura da choupana é de taquara ou de troncos grossos como o braço. Os troncos são fincados em posição inclinada, de modo que os dois lados compridos ficam opostos um ao outro e o cume alcança uma altura de 3,5 a 5 metros. As vigas são amarradas com cipó e cobertas até o chão com folhas de palmeiras (*geonoma* ou outras espécies) ou capim. A entrada é uma abertura baixa e muito estreita que está no meio do lado mais comprido da casa e, raramente, do lado mais estreito.

O interior da casa forma um único espaço com chão nivelado e, no meio, há um fogo co mum (*tatá-oçú*) para cozinhar. Costumeiramente, cada cabana é ocupada por várias famílias que vivem em paz juntas, numa confusão colorida, junto com vários animais domésticos (papagaios e outros animais da floresta domesticados, sendo que muitos grupos já possuem também cachorros). Os Cayuá dormem em redes (*kihá*)¹³, que são penduradas aproximadamente a um metro de altura, em estacas bem fincadas e próximas umas das outras. Em noites frias, e também em caso

¹³ Frequentemente, o autor grafa o som gutural y por i. Neste caso, tendo sido a pronúncia atual também a de um século atrás, a grafia corresponderia a *kyha* (NT).

de doenças, um pequeno fogo é mantido embaixo de cada rede para esquentar as pessoas que estão dormindo.

É estranho como essas pessoas geralmente endurecidas se acostumaram ao uso do fogo. Mesmo nas suas viagens, eles carregam brasas vivas, em vasilhas de barro, para poder fazer a insubstituível fogueira a qualquer momento.

Sob a liderança de um cacique, os Cayuá formam pequenos grupos que constroem suas choupanas agrupadas (*tába*), bem dentro da mata, mas sempre perto da água. Os lugares para fixar suas moradias são escolhidos com muito cuidado, protegendo-as, em áreas pouco seguras, com cercas e paliçadas, contra eventuais assaltos de inimigos.

Toda *tába* mantém uma pequena plantação (*cohy*) de milho, mandioca, abóbora, batatas doces; aqui e ali eles cultivam cana-de-açúcar, algodão, bananas e outras frutas. Para defender suas plantações dos animais selvagens, eles as cercam e, em aberturas deixadas de propósito, abrem grandes buracos ou enrolam laços que são verificados diariamente e que fornecem boas presas. O pequeno mobiliário consiste em redes de dormir (geralmente de algodão), redes para pescar (de caraguatá – ou fios de palmeira), cestas, cabaças e várias vasilhas de barro que são usadas para fazer comida, para guardar água e mel e para a preparação das bebidas, assim como para outros usos. Todas essas vasilhas de formas simples são feitas pelas mulheres, que são bem hábeis na cerâmica, no trançado e na tecelagem.

Os produtos artesanais feitos pelos homens limitam-se a armas e canoas. Eles são muito apegados às formas, aos modelos e ao modo de produção que receberam dos ancestrais; raramente eles se deixam influenciar por novidades que lhe pareçam estranhas.

Os Cayuá usam arco e flecha como a mais importante arma de caça, que, em suas exercitadas mãos, também na guerra não se pode desprezar. O arco (*grapá*¹⁴, Fig. 3), que é mais alto do que um homem (1,90 até 2,20 metros), é feito da flexível madeira de palmeira¹⁵, muito reta, arredondada cilíndricamente, bem aplainada no lado da corda, mais grossa no meio e gradativamente afilada na direção de ambas as pontas. Como único enfeite, as pontas do arco – que é alisado cuidadosamente e tem entre 12 a 15 cm de comprimento – são enroladas com *imbira* (a ráfia da raiz de diversas plantas trepadeiras da família dos aroideos *cipó-imbé*).

¹⁴ Hoje, *guyrapa* (NT).

¹⁵ Arco, moca ou cacete e pontas de flecha dos Cayuá são geralmente feitos da madeira de palmeira *carahyba* ou carandá (*Copernicia cerifera*, Mart.), mais raramente, da palmeira siriva (*Guilielma insignis*, Mart. Und G. macana, Mart.).

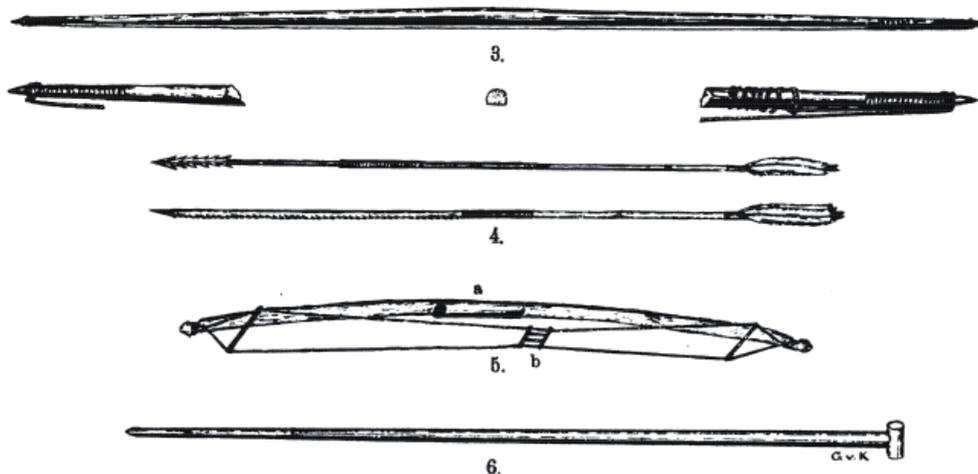


Abb. 3 bis 6. Waffen und Lippenschmuck der Cayuás.

3. Bogen ($\frac{1}{13}$ nat. Gr.), mit Querschnitt (Mitte), dem verstellbaren (links) und dem festen Sehnenende (rechts). 4. Kriega- und Jagdpfeile ($\frac{1}{13}$ nat. Gr.) 5. Bodoke ($\frac{1}{10}$ nat. Gr.), a Handgriff, b Kugelhalter. 6. Tembétá ($\frac{1}{5}$ nat. Gr.). — Sammlung des Verfassers.

Figuras 3 a 6 - Armas e Enfeite Labial dos Cayuá.

3) Arco (1/13 do tamanho real) com corte transversal (no meio), extremidade ajustável (à esquerda), extremidade fixa (à direita); 4) Flechas de guerra e caça (1/13 do tamanho real); 5) Bodoque (1/10 do tamanho real) a. empunhadura, b. funda; 6) Tembeta ou enfeite labial (3/5 do tamanho real).

Fonte: Coleção do autor.

A corda finamente enrolada e feita de vários fios de fibras de tucum ou caraguatá é colocada em laços, na ponta do arco, dos quais um é regulável, sendo que uma pequena protuberância impede a corda de escorregar.

As flechas, de 1,45 m até 1,60 m de comprimento (*uhê*¹⁶, Fig. 4), possuem sempre um forte cano de taquara, no qual a ponta feita de madeira de palmeira é embutida cuidadosamente com cera e enrolada por fora com *imbira*. Antigamente essas pontas tinham só poucas farpas (unilateral ou bilateral); mas, desde que os Cayuá possuem facas, o comprimento das pontas de suas flechas (até 70 cm, então quase a metade da flecha) e, sobretudo, o número de farpas (unilateral até 68 ganchos) aumentaram significativamente.

Para emplumar suas flechas, os selvagens escolhem, de preferência, as penas azuis e vermelhas, de aproximadamente 20 cm, das asas das grandes espécies de papagaios (*arara*), que eles colocam perto uma da outra, sobre o trançado da corda, feito com finos fios de algodão.

¹⁶ *Uhe* corresponde aqui a *hu'y* (NT).

Para exercícios eles usam simplesmente pontas de flecha sem ganchos.

Uma arma de caça peculiar, encontrada nas diversas tribos indígenas na bacia do rio da Prata, é o *bodoke*, uma *funda* presa a um arco, com função parecida ao atual bodoque (Fig. 5). O arco de mais de um metro de comprimento consiste de uma madeira flexível (*Myrtaceae*, entre outras) de aproximadamente 3 cm de espessura, que é seccionada ao meio, excetuando-se a empunhadura, com aproximadamente 15 a 20 cm de largura. As pontas do arco têm cortes profundos para segurar a corda, que consiste de dois fios onde está a funda em que a pelota é colocada (Fig. 5b).

Como projétil servem bolas de barro queimado ou seixos redondos de 2 a 3 cm de diâmetro. Segurando o arco com a mão esquerda, o caçador coloca a bola (às vezes também várias pequenas bolas juntas) na funda, que é segurada com o polegar e o dedo indicador da mão direita, puxa forte a corda e atira a bola com toda a força na direção do alvo, soltando a corda. Os índios são admiravelmente seguros no uso dessa arma, com a qual têm muito sucesso na caça de pequenos [animais] selvagens e pássaros, mesmo em distâncias relativamente grandes.

Para não afetar a tensão do arco, a corda é relaxada quando não está sendo usada, pois ela é desenganchada e tirada de uma das pontas.

Entre outras armas, usam os selvagens também tacapes e lanças trabalhadas grosseiramente e, em alguns lugares, possuem ainda machados de pedra que provêm de épocas mais antigas. De resto, a época das armas de pedra entre esses índios acabou faz muito tempo, desde que, através do comércio de troca, eles possuem utensílios de ferro que lhes facilitou consideravelmente o trabalho.

Da maior importância para os Cayuá são as canoas (*ubá*, *ygá*) – bastante curtas (geralmente de 2,5 a 4 metros de comprimento) e grosseiras, feitas de uma árvore só – com as quais fazem viagens distantes, durante meses. Para procurar novos lugares de caça e pesca, para visitar parentes ou amigos que moram longe, usam esses índios, quase exclusivamente, as vias fluviais, especialmente na época que os rios estão cheios e quando as correntes e quedas d'água estão mais fáceis de passar. Em tais viagens, a família completa é alojada na canoa; o homem assume a direção, ficando reto, em pé e utilizando um remo (*urape*)¹⁷ bastante largo na ponta, que continua num cabo cada vez mais fino. Mantendo um bom balanço de seu corpo, o homem equilibra a canoa, que fica fácil de ser movida e obedece

¹⁷ *Urape* corresponde a *ygape* (NT).

prontamente a cada direção dada pelo hábil remador. Na descida, o Cayuá dirige a canoa no meio do rio, onde ela é levada pela correnteza, alcançando, com frequência, surpreendente velocidade; mas, se tem que navegar rio acima, ele procura seu caminho bem perto da margem do rio.

E para não delatar sua presença com a canoa, os selvagens as mantêm escondidas, cobertas com capim e cana ou as retiram da água e colocam em terra. Mas se têm que deixar uma área por mais tempo, sem poder levar suas canoas, eles as afundam no rio para tirá-las na volta.

Quanto aos enfeites, muito pouco é encontrado entre esses indígenas da floresta. As mulheres possuem geralmente um colar de sementes coloridas, de dentes ou semelhantes, enquanto os homens portam o longo *tembetá* no lábio inferior e, em ocasiões festivas, além da pintura corporal, eles usam ocasionalmente tiaras enfeitadas de penas e pulseiras.

O enfeite labial, usual entre muitos indígenas, é uma característica tribal, que dentro de um grupo é igual em sua forma, mas entre as diversas tribos mostra as maiores diferenças em desenho e material. Os *tembetá* dos Cayuá (Fig. 6) têm a forma de uma haste de até 25 cm de comprimento, quase tão grosso como um lápis. Eles são feitos da resina amarela, semelhante ao âmbar, da *guasatunga*, e mais raramente da resina amarela do jatobá. Para a confecção do valioso enfeite masculino, os selvagens furam a árvore e fixam um cano de taquara de tal modo que sai muita resina líquida através da abertura, enchendo o oco do pedaço de cano. A resina endurece aí e assim se forma a haste cilíndrica e comprida, na ponta da qual é colado atravessado um pequeno pedaço (de resina) para não cair dos lábios. Esse enfeite de resina é muito duro, mas quebra como vidro e é, por isso, guardado com cuidado e usado somente em ocasiões especiais.

No que diz respeito às relações matrimoniais, os Cayuá selvagens vivem frequentemente em poligamia, prática não permitida aos indígenas aldeados. As meninas casam com 11 ou 12 anos, os homens raramente antes dos 17 ou 18 anos. O casamento é realizado sem qualquer formalidade, depois que o noivo se entendeu com o pai da sua noiva através do oferecimento de presentes, e pode também a qualquer momento ser desfeito. As meninas nunca são consultadas durante a negociação, e a dignidade da mulher não faz diferença alguma na baixa posição que as mulheres têm entre os indígenas. Com muita paciência e dedicação, as mulheres sabem como se adaptar aos seus maridos, tanto que separações são raras, e, mesmo quando o homem sucessivamente toma mais mulheres, elas vivem juntas com afabilidade e ajudam-se reciprocamente nos trabalhos de casa.

A descendência é pequena, raramente uma mulher tem mais que dois ou três filhos/as. A mãe é muito carinhosa com o filho que necessita de sua

ajuda e o coloca sobre pele macia. Quando sai, leva-o consigo numa cesta em suas costas. Diariamente ela mergulha a criança no rio frio e se esforça para que ela aprenda simultaneamente a andar e a nadar. As mulheres estendem o período da amamentação por vários anos, de modo a evitar uma nova gravidez pelo maior tempo possível. Os pequenos nunca são castigados, choram pouco e aguentam dores e desconfortos com calma. As crianças andam totalmente nuas. Só com a chegada da puberdade, as meninas recebem uma pequena saia. Os meninos se exercitam desde cedo no uso das armas, na pesca, e em fazer armadilhas. Com sete ou oito anos, é perfurado festivamente o lábio inferior dos meninos pré-adolescentes para a colocação do *tembetá* e, a partir de então, eles acompanham os homens muitas vezes nas suas saídas. Enquanto isso, as meninas aprendem brincando os afazeres da casa, sob a direção das mulheres, e são preparadas para o trabalho feminino.

Os Cayuá alcançam idades bem avançadas e sofrem poucas doenças. Pessoas aleijadas e deficientes físicos quase não são vistos entre eles. Para o tratamento de feridas e doenças internas, usam remédios do reino vegetal, com os quais conseguem um bom resultado. Eles só ficam desorientados diante da varíola, que lhes é transmitida pelos civilizados. Essa enfermidade medonha cobrou deles muitas vítimas e leva tribos inteiras a migrar rapidamente para outras regiões.

Enquanto os selvagens lamentam pouco a morte de uma mulher ou de uma criança, o homem falecido é enaltecido tanto por sua família como também pelos amigos e companheiros, por meio de uma cerimônia de luto. Enterram seus mortos longe de seus lugares de moradia, em lugares secretos, sobre os quais eles, desconfiados, negam qualquer informação aos estranhos. Mesmo através de valiosos presentes, eu não pude conseguir das pessoas algum esclarecimento mais preciso. Eles costumam carregar o cadáver em uma rede e, enrolado nessa rede em posição sentada, enterram-no debaixo de uma grande vasilha de barro (*igaçaba*) emborcada. Esse costume é interpretado por muitos pesquisadores como se a vasilha de barro fixasse o espírito do morto à terra e impossibilitasse sua aparição sobre a superfície. Essa interpretação aqui não corresponde. Eu mesmo me encontrei com muitas tribos guarani que enterravam seus mortos tanto debaixo como dentro de uma *igaçaba* fechada com uma tampa, numa sepultura pouco profunda, somente com o fim de proteger o cadáver da escavação dos animais selvagens, como os diversos tatus e animais predadores¹⁸.

¹⁸ Marlon Borges Pestana (2007, p. 114) analisou um sepultamento num sítio arqueológico de tradição tupiguarani perto da Lagoa do Peixe, no Rio Grande do Sul, constatando que se tratava “de um indivíduo depositado diretamente no solo em pequena profundidade; apenas a calota

Não se pode falar, entre os Cayuá, de uma religião propriamente dita. Eles são simplesmente supersticiosos e têm imaginações obscuras de um ser bom e de um ser mau, que eles temem, mas não adoram. Quando em noite escura o barulhento trovão ecoa entre as matas, quando o choroso vento da tempestade chicoteia a copa das árvores, quando o malvado jaguar anda berrando ao redor das casas, quando um bando de macacos nervosos fuge gritando, quando a coruja com lamentosos gritos atrai seus companheiros: é sempre *anhangá*, o espírito mau que anda por aí. Mas *inhandidjäre*¹⁹ é o princípio do bem e da felicidade, que protege os pobres índios contra toda aflição, que enche as armadilhas e os laços de presas, que faz os peixes cegos contra a rede, e que, sobretudo, traz todo sucesso na caça e na guerra.

Entre os Cayuá semicivilizados, muitos já foram batizados e têm nomes cristãos, também penduram uma medalha de lata como talismã, no pescoço, colocam cruzes de madeira enfeitadas de pena nas suas cabanas e chamam seu Deus de *Tupã*. Eles são exteriormente cristãos, mas só exteriormente. No coração permaneceram pagãos e têm da religião as mais confusas imaginações.

Os Cayuá nunca foram causa para a perturbação dos brancos, razão pela qual se lhes deixa morar tranquilamente nas suas áreas. Enquanto é possível, essas tímidas pessoas evitam a cultura, mas já não está longe o tempo em que eles terão que se submeter à civilização. Se isso vai servir para sua própria felicidade é outra questão.

* * *

O autor: vida e obras

Não são muitos os dados biográficos sobre o autor deste documento, Gustav von Koenigswald. Inclusive, em alguns catálogos de bibliotecas, ele é confundido com seu filho, o geólogo e paleontólogo Gustav Heinrich Ralph von Koenigswald. Na biografia do filho²⁰, em holandês, o autor do

craniana fora recolhida numa vasilha, colocada na proximidade". Num outro sepultamento, no mesmo local, "a calota craniana estava dentro de uma vasilha pintada com uma tampa corrugada, a pequena distância do que seria sua localização natural e numa profundidade de um pouco menor do que o resto do corpo. Na calota craniana faltavam os dentes da arcada superior, que tinham ficado junto com a mandíbula, indicando que a manipulação da calota teria sido feita quando o corpo já estava decomposto ou em decomposição [...]. O todo, um recipiente que continha a calota, mais a tampa que cobria a este, se constituía em um sepultamento secundário, complementar da deposição primária" (*Ibid.*, p. 115-116). Estes dados mostram formas de sepultamento mais antigas entre povos usuários de cerâmica da tradição tupiguarani (NT).

¹⁹ *Inhandidjäre* equivale a *Nandejary* (NT).

²⁰ Disponível em: <<http://www.historici.nl/Onderzoek/Projecten/BWN/lemmata/bwn3/koenigswald>>.

documento é registrado sob o nome “Gustav Adalbert von Koenigswald” e com a profissão *etnologo*, etnólogo, o que indica que ele, no mínimo, era um naturalista com incursões entre os povos indígenas. Provavelmente, Koenigswald era casado com Martha Jacobi, que na página figura como mãe de seu filho.

Tudo indica que ele residiu no Brasil de 1886 até a primeira década do século XX, tempo durante o qual percorreu, entre outros lugares, a região ocupada pelos Kaiowa, no Paraná. Sobre esse grupo ele publicou, em 1908, o artigo *Die Cayuás*, traduzido nesta seção da Revista Tellus. Que ele esteve nessas comunidades indígenas nos mostra seu próprio texto, onde ele escreve “mesmo através de valiosos presentes **eu não pude conseguir** das pessoas algum esclarecimento mais preciso.” e “**eu mesmo me encontrei** com muitas tribos guarani, que enterravam seus mortos tanto debaixo como dentro de uma *igaçaba* fechada com uma tampa [...]” (grifos da tradução). Ele indica em primeira pessoa sua interlocução direta com os grupos sobre os quais escreveu.

Em 1895, Koenigswald publicou a obra *São Paulo*, em São Paulo, com 145 páginas e 100 ilustrações. Outra obra, *Rio Grande do Sul*, foi publicada em São Paulo, pelo ano 1898, com 50 ilustrações e um mapa panorâmico²¹. Na introdução, assinada pelo autor em 1898, em Postdam, Alemanha, consta que G. von Koenigswald residia, fazia doze anos, no Brasil, onde tinha realizado extensas e longas viagens e se familiarizado com os condições de vida locais. O livro, editado na Alemanha em 1923, foi também reeditado pela Nabu Press, em 2010.

Além do artigo *Die Cayuás*, ele publicou, também na Revista Globus, em 1908, os artigos *Die Corôados im südlichen Brasilien*, traduzido ao português por Lígia Simonian, s/d, Ijuí, e *Die Botokuden in Südbrasilien*. Em 1907, ele publicou um artigo de três páginas intitulado *Die brasilianische Araucaria als Kompasspflanze*, na Revista Globus.

Gustav von Koenigswald era também sambaquista, tendo publicado em 1905 *Die indianischen Muschelberge in Südbrasilien*. Herbert Baldus escreveu na sua *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, no segundo volume, de 1968, que o autor afirmava “ter visitado cerca de cento e cinquenta sambaquis na costa do Brasil meridional [...]”. Entre 1885 e 1892, Koenigswald integrou a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, confiada a Orville Derby, juntamente com A. Loefgren e J. Gloria. O resultado das explorações dessa comissão nos sambaquis da costa de São Paulo foi a

²¹ Disponível em: <<http://archive.org/stream/riograndedosul00koengoog#page/n6/mode/2up>>

monografia de Loefgren, publicada em 1893: *Contribuições para a arqueologia paulista: os Sambaquis* (Boletim da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo, 9). No início dessa obra, A. Loefgren escreveu: “É também de justiça mencionar o nosso ajudante e companheiro Snr. G. Koenigswald, que visitou e levantou a planta da maior parte dos sambaquis que vão descritos” (Lima, 2000, p. 288).

Referências

BALDUS, Herbert. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. São Paulo: Hannover, Völkerkundliche Abhandlungen, 1968. v. 2.

KOENIGSWALD, Gustav von. Die Cayuás. *Globus*, v. 93, p. 376-381, 1908.

_____. Die Corôados im südlichen Brasilien. *Globus*, v. 94, n. 1-2, p. 27-32; 45-49, 1908.

_____. Die Botokuden in Südbrasilien. *Globus*, v. 93, n. 3, p. 37-43, 1907.

_____. Die brasilianische Araucaria als Kompasspflanze. *Globus*, v. 92, n. 19, p. 301-303, 1907.

_____. Die indianischen Muschelberge in Südbrasilien. *Globus*, v. 87, p. 341-347, 1905.

_____. *Rio Grande do Sul*. São Paulo: Editora do autor, 1898. Disponível em: <<http://archive.org/stream/riograndedosul00koengoog#page/n6/mode/2up>>. Acesso em: 19 maio 2012.

_____. *São Paulo*. São Paulo: Editora do autor: 1895.

LIMA, Tânia Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, n. 44, p. 270-327, dez./fev. 1999/2000. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/44a/03-tania.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2012 e 18 maio 2012.

PESTANA, Marlon Borges. *A tradição tupiguarani na porção central da planície costeira do Rio Grande do Sul, Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2007.

RENGGER, Johann Rudolph. *Reise nach Paraguay in den Jahren 1818 bis 1826*. Aarau, H. R. Sauerländer, 1835.

_____. *Viajes al Paraguay en los años 1818 a 1826*. Asunción: Tiempo de Historia, 2010 [1835].

SILVA, André Luis Freitas da. *Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/UFGD, Dourados, 2011. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/fch/mestrado-historia/dissertacoes-defendidas>>. Acesso em: 18 maio 2012.

Recebido em 20 de maio de 2012

Aprovado para publicação em 25 de maio de 2012